

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### **ME SEGURA QUE EU VOU DAR UM VOTO, DE BEMVINDO SEQUEIRA: EDIÇÃO CRÍTICA E PROBLEMAS EDITORIAIS**

*Fabiana Prudente Correia (UNEB)*

*Rosa Borges dos Santos (UNEB)*

[rosa.bs@terra.com.br](mailto:rosa.bs@terra.com.br)

#### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No trabalho desenvolvido pelos pesquisadores do projeto *E-dição e estudo de textos teatrais produzidos na Bahia no período da ditadura*<sup>11</sup>, coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosa Borges dos Santos, são recuperados textos dramáticos marcados pela censura através de cortes e/ou vetos às encenações. Esse material, interessante a estudos históricos, linguísticos e literários, embora sejam documentos de suma importância para o resgate da memória do período ditatorial, encontra-se disperso, no ostracismo e em estado de conservação ruim. Nesse sentido, sob a orientação teórico-metodológica da Filologia Textual, busca-se recuperar, através da realização de edições para fins de estudo, parte do patrimônio cultural escrito da Bahia, essencial, para a compreensão da história.

Este trabalho pretende expor sobre o processo de recuperação de um dos textos contemplados por esta pesquisa: *Me segura que eu vou dar um voto*, de Bemvindo Sequeira, texto em dois testemunhos, produzidos em 1982, momento de abertura política em que ocorreram as primeiras eleições diretas para deputados. Através da sátira política, o autor documenta, em seu texto, questões sociais que se desenvolveram no Brasil e na Bahia pós-ditatorial.

Todavia, o processo de estabelecimento deste texto demandou não apenas o cuidado que se espera de um trabalho realizado sob o rigor do método filológico, foi necessário o estabelecimento de critérios próprios, que compreendesse a situação textual específica deste texto. Assim, pretende-se refletir sobre alguns problemas editoriais

---

<sup>11</sup> Projeto criado no ano de 2006 e desenvolvido através de programas de iniciação científica que contempla alunos da graduação em Letras da Universidade do Estado da Bahia, professores e voluntários de outras instituições.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

encontrados no processo de edição do texto, como transposições, supressões e acréscimos de réplicas, trechos e cenas entre os testemunhos, além de cortes realizados pelo próprio autor. Tais situações, próprias da mobilidade dos textos, explicam-se pela duplicidade do texto dramático, que se realiza em duas instâncias: como obra literária e como representação.

### ***1. O estatuto do crítico editor de textos***

A Filologia Textual, como ciência que tem por objeto o texto, tem como objetivo estudar a língua, a cultura e a sociedade através da recuperação de textos orais e escritos, literários ou não. Nesse sentido, o estabelecimento do texto, pela edição, configura-se como tarefa primeira no labor filológico.

O texto, admitido em sua concepção mais ampla, revela-se

[...] testemunho de um povo, de uma época, de um autor, etc., e deverá ser reconstituído em sua forma genuína para que sirva de fonte segura para estudos vários. Ressaltemos, porém, que os editores, na prática de seu trabalho, não alcançam o “verdadeiro texto”, mas sim aquele que dele mais se aproxima. (SANTOS, 2006, p. 38)

Para o trabalho da Crítica Textual, que se ocupa da realização de edições, para fins comerciais ou de estudo, as características do texto que se pretende editar, bem como o tipo de estudo a ser desenvolvido, apontam o direcionamento do filólogo no seu percurso de trabalho, indicando desde o tipo de edição a ser realizada, até os critérios específicos de cada texto.

Nesse sentido, a edição crítica, sob a definição de Blecua “publicação do texto considerado mais próximo do original após as operações críticas da colação, da constituição do estema, da seleção de variantes e da emenda por conjectura” (*apud* XAVIER; MATEUS, 1990, p. 136), configura-se na edição em que há maior intervenção do editor, que trabalha na recuperação de elementos perdidos do texto, através de emendas e da seleção da lição mais fiel à vontade do autor, que será definida como texto-base para a edição.

No trabalho de edição, o filólogo sabe que não é um mero preparador de textos. Assegura Picchio (1979, p. 211-212) que

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

O filólogo sabe desde o início que o seu estatuto é o de crítico, pois nenhuma constituição textual, nenhuma emenda seriam possíveis fora ou antes de uma compreensão total, de uma interpretação no sentido mais amplo e preciso do termo.

Assim, observa-se que a tarefa filológica é “uma atividade crítica em toda a sua extensão” (PICCHIO, 1979, p. 213), pois envolve não somente a intuição do filólogo, como também o conhecimento profundo do autor e da época do texto estudado, a fim de garantir uma interpretação segura do material a ser recuperado.

Os textos teatrais são obras que estão sempre se modificando, por ação de diferentes agentes. A cada representação cênica, novos elementos são inseridos ou retirados do roteiro, sobretudo quando o texto trata da ocasião, precisando estar sempre atualizado. Segundo Bemvindo Sequeira<sup>12</sup>, nos ensaios e nas representações eram testadas as cenas que funcionavam ou não, invertendo a ordem das mesmas, suprimindo réplicas e inserindo glosas sobre os mais recentes fatos políticos. Por essa razão, há que se tratar os testemunhos como “individuos históricos, con una fisonomía propia”<sup>13</sup> (PÉREZ PRIEGO, 1997, p. 36). Dessa maneira, seguindo os preceitos de Pérez Priego (1997, p. 16), “los testimonios individuales no serán ya considerados como simples portadores de errores y variantes, sino como productos de una determinada configuración cultural”<sup>14</sup>.

O tratamento dirigido aos testemunhos deve ser justificado nos critérios editoriais, para que o leitor tenha conhecimento de todo o percurso do editor. As intervenções do crítico textual no texto recuperado devem ser registradas no aparato, à direita. Além disso, há outro aparato, abaixo do texto, em que se recuperam os cortes e se apresentam os comentários do editor, conforme Santos (2008).

---

<sup>12</sup> Correspondência eletrônica enviada a Fabiana Prudente em 22 de setembro de 2008.

<sup>13</sup> Tradução nossa: indivíduos históricos, com uma fisionomia própria.

<sup>14</sup> Tradução nossa: os testemunhos individuais não serão mais considerados como simples portadores de erros e variantes, senão como produtos de uma determinada configuração cultural.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### **2. Bemvindo sequeira: humor, teatro e política**

Nascido em Minas Gerais e atualmente residente no Rio de Janeiro, Bemvindo Sequeira, dramaturgo e ator, viveu e produziu teatro na Bahia no período ditatorial. Trabalhando no grupo Teatro Livre da Bahia, chegou a ser considerado o melhor ator do estado, tendo apresentado, em parceria com João Augusto, diversos textos que revelam a presença da cultura de resistência na capital baiana, sobretudo em relação ao teatro político, proposta do grupo Teatro Livre da Bahia. Além disso, Sequeira teve relevante participação no Teatro de Cordel, implementado na Bahia por João Augusto.

Com o falecimento de João Augusto, porém, sua carreira foi comprometida. Tendo criado inimigos políticos devido às suas ideologias, o ator viu seu trabalho ruir. Com *Me segura que eu vou dar um voto*, em 1982, marcou-se a reestréia do artista nos palcos da capital baiana. Para Sequeira (2008) o espetáculo foi “[...] uma experiência que surgiu da necessidade de sobrevivência, de trabalhar sozinho, ganhar algum dinheiro pra pagar o aluguel [...] e a comida”.

O monólogo, uma sátira política em ano eleitoral, foi apresentado na Bahia entre maio e agosto de 1982. Com o sucesso do espetáculo e o convite para a apresentação no Rio de Janeiro, estreou-se, em setembro e outubro de 1982, *Me segura que eu vou dar um voto* nos palcos cariocas. Ato único, o enredo elenca críticas e glosas sobre política e problemas socioeconômicos brasileiros.

Há, no Acervo do Espaço Xisto Bahia, na Biblioteca Pública do Estado da Bahia, dois testemunhos desse texto. O primeiro deles, chamado TJn82, é uma cópia xerográfica de um datiloscrito censurado pelo próprio punho do autor<sup>15</sup>, cujo suporte tem formato A4, amarelado pela ação do tempo, com 27 folhas, datado de junho/julho de 1982, produzido em Salvador. O segundo testemunho, datado de julho de 1982, também produzido em Salvador, será identificado por TJI82. Em papel ofício, este último testemunho trata-se de cópia de datiloscrito com 25 folhas, numeração irregular, contendo duas folhas numeradas com 13 e lacuna entre as folhas 15 a 19.

---

<sup>15</sup> Informação concedida por Bemvindo Sequeira através de correspondência eletrônica enviada da 21 de setembro de 2008 a Fabiana Prudente.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### **3. Um texto, duas lições e seus problemas editoriais**

Tendo dois testemunhos com quase a mesma data, a primeira questão a levantar-se é em relação ao fato de haver ou não uma “vontade final do autor”, busca geral do trabalho filológico. Sabe-se, porém, conforme entrevista realizada com Bemvindo Sequeira<sup>16</sup>, que o primeiro texto, TJn82, foi apresentado na Bahia, enquanto o segundo, TJI82, foi levado para o Rio de Janeiro, em setembro e outubro do mesmo ano.

Com a apresentação do espetáculo em dois estados distintos, e, portanto, em configurações políticas diferentes, o filólogo tenderia a considerar TJn82 e TJI82 dois textos diversos. Porém, embora haja, em TJI82, apagamento de nomes<sup>17</sup> da política baiana que se apresentavam em TJn82, deve-se observar que não há, no texto encaminhado para o Rio de Janeiro, inserção de nomes que representem o contexto político carioca. De fato, o que é tratado no texto são os partidos políticos de modo geral, radicais e moderados. Estes se fazem presentes nos dois estados: PDS, PT, PMDB.

Réplicas e trechos que apontam candidatos políticos da Bahia foram suprimidas em TJI82, como se observa no excerto abaixo:

<b>TJn82</b>	<b>TJI82</b>
— E o PMDB? Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Realmente: é um MOVIMENTO, democrático. É um tal de entra e sai, meus amigos... o cara sai do PP, entra do PMDB, pede licença, entra pro PDS, sai do PDS, volta pro PMDB. Nunca vi! Que movimento! (Como locutor de futebol) Sai <Roberto> <sup>18</sup> com a pelota, atravessa a arena com a bola ainda nos pés, passa por Toninho Malvadez, dá-lhe uma finta, recebe uma canelada, mas continua com a pelota. Passa pelo PDS, troca bola com <Lomanto>, levanta o jogo para o PP, o juiz pode marcar, jogo perigoso, não marca, prosse-	— E o PMDB? Partido do Movimento Democrático Brasileiro. Realmente: é um MOVIMENTO democrático. É um tal de entra e sai, meus amigos... o cara sai do PP, entra do PMDB,

<sup>16</sup> Em entrevista concedida aos membros do projeto de pesquisa Edição e estudo de textos teatrais produzidos na Bahia no período da ditadura, em agosto de 2007, Rio de Janeiro. Entrevistadoras: Rosa Borges dos Santos, Ludmila Antunes de Jesus, Isabela Santos de Almeida e Fabiana Prudente Correia.

<sup>17</sup> Na transmissão do texto, os seguintes nomes não se inscrevem em TJI82: Antônio Carlos Magalhães, Roberto Santos, Lomanto Júnior, Valdir Pires, Chico Pinto, Juracy Magalhães, Luiz Viana, Clériston Andrade, Mário Kértesz e João Durval.

<sup>18</sup> Utilizou-se dos parêntesis angulares < > para marcar os cortes.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

gue o jogo, ainda com o <Roberto> que volta ao PDS, ameaça voltar, a torcida ensaia uma vaia, tenta fazer o jogo PTB, e entra pelo PP. Agora já com a pelota na altura do PMDB, recebe falta do PDS, desfaz o jogo do PP, entra no PMDB e fica naquela de aguardar melhor jogada. Atenção: dibra Toninho Malvadez, passa por <Valdir.> não dá pelota pra <Chico Pinto,> mas passa por <Viana,> engana Andrade, atenção pode marcar, vai do PP". "Olha o lobo! Alô Geraldo!"

pede licença, volta pro PDS, sai do PDS, entra pro PMDB. Nunca vi! Que movimento!

Ressalta-se que, já em TJn82, os nomes dos candidatos políticos estavam suprimidos pelo autor. O testemunho TJI82, embora submetido à Censura Federal e marcado pelo carimbo da Superintendência Regional da Bahia – DPF, não sofreu mutilações provocadas por cortes dos censores. Bemvindo Sequeira explica que, na Bahia, a censura nos últimos anos da ditadura estava mais branda, mais “refinada”, não procedendo mais aos cortes. Por isso TJI82 não está marcado pela ação dos censores. O TJn82, todavia, não foi submetido à Censura Federal, mas sofreu cortes do próprio autor, justificados pelo fato da representação desse texto ser patrocinada pelos próprios políticos a quem se dirigiam as glosas.

Conforme o exposto, nos espetáculos de ocasião as cenas ocorrem de maneira independente dentro da peça, de modo que uma das principais dificuldades encontradas na escolha do texto de base foi definir, entre os testemunhos, considerando-se o registro de transposições de cenas entre eles, qual seria o texto a ser editado, bem como o tratamento empregado a esses fenômenos. Há ainda, na transmissão do texto, acréscimos de réplicas e trechos, o que se pode verificar logo na abertura do espetáculo, em que há ampliação como modo de inserir o espetáculo no contexto político carioca:

TJn82	TJI82
	<p><i>(Ator entrando em cena).</i></p> <p>— Havia na Bahia um camarada que era candidato a deputado federal. E esse baiano era um rapaz alegre, só que ele não assumia esta alegria. Acabou sendo eleito e foi pra Brasília. Chegando lá, ele pensou: bem, aqui ninguém me conhece, aqui eu deixo isso de lado. E começou a curtir mulher. Virou o maior garanhão de Brasília. Até que contraiu uma blenorragia, das bravas. Correu pro médico, o médico examinou e disse: “meu amigo, isso aí não tem mais penicilina que dê jeito. Aí só massagem.” Disse o deputado: “massagem não doutor, de jeito nenhum, sou macho”. O médico replicou:</p>

— Senhoras e Senhores, boa noite! Meu nome é Bemvindo Sequeira. Profissão: artista. Batizado na DRT-BA com o número 001, folhas 01, do livro 01 competente.

Menos burocrática que a DRT, a massa me conhece como “Café Chaleira”; “Condomínio João Filgueiras Simões Filho”; “Edifício Quinta do Candéal” e até “Le Royale”. Mas, eu, sou Bemvindo!

Agradeço a todos vocês que aqui compareceram esta noite, colaborando assim na minha campanha, a do Comitê “Faça um Bemvindo Legal, Dê a ele um Voyage no Natal”.

Assim, meus queridos, queiram aceitar, com muito humor e alegria o meu: Boa Noite. O boa noite de um artista. Mas, entrando no assunto, como seria o Boa Noite de um candidato do PDS?

“se não fizer massagem, vai cair...” O médico iniciou a massagem, e o nosso deputado, fingindo, gritava: Ai, Ai,... ai... até que não aguentou mais e emendou: “AI, ai, que saudade que eu tenho da Bahia...”.

Mas é isso meus amigos: estamos em pleno processo eleitoral. Política é coisa dialética. Tem gente que leva cantando, como o deputado, eu, prefiro levar rindo, e tem quem leva a sério: “Ta na política?” Responde o outro: “Tou”. “Ta levando a sério?” “Tou”. “E não dói?” “Não, só dói quando eu rio.”

Mas, minha gente, é um prazer muito grande estar aqui com vocês para apresentar mais um “ME SEJURA QUE EU VOU DAR UM VOTO”. A todos vocês, o meu Boa Noite. Meu nome é Bemvindo Sequeira. Profissão: artista. Baiano adotado, porque eu sou mesmo é mineiro, ou como queiram: baiano cansado. Batizado na DRT-BA com o nº 01, às Fls. 01, do Livro 01 do Registro Competente. E este é o meu Boa Noite. O Boa Noite de um artista.

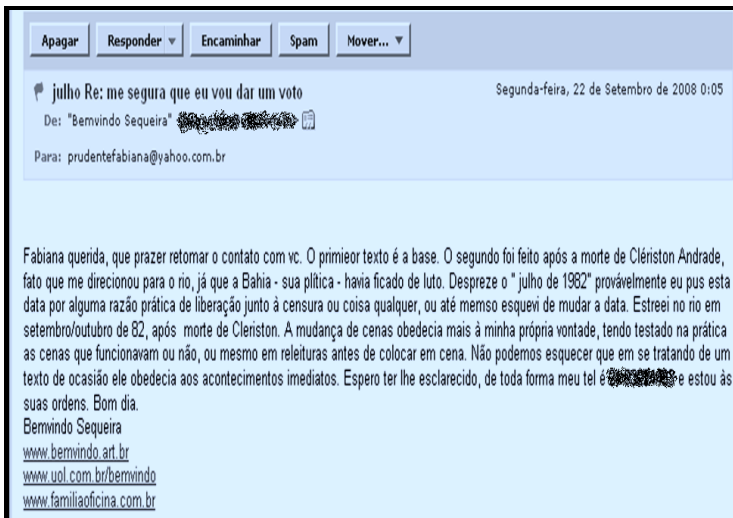
Quero trazer para vocês, também, LIA SILVEIRA, que é quem me acompanha ao violão. Com vocês Lia Silveira (*Lia entra*).

Mas meus amigos, o nosso papo são as eleições. Voltamos a ele. Para as eleições, formam-se os Partidos, que, pelo que se lê nos jornais, estão partidos mesmo. Na Bahia, nós vamos as eleições com apenas três partidos: O PDS, O PMDB, E O PT. Aliás, como em quase todo o resto do Brasil, à exceção de SP, RS, e claro, aqui no Rio, que é a Cidade Maravilhosa. Tão maravilhosa, que aqui juntam quatro pra bater em um. Acabam brigando entre si – são todos da oposição – fazem uma tremenda confusão na cabeça simples do eleitor, e deixam correr solta a situação. Mas dizem que não é confusão não. É fartura. O Rio é tão bom, que só de oposição, tem quatro, imagine a situação! Aliás, em matéria disso o Rio sempre foi muito pródigo. Lá na Bahia a gente que acompanha o noticiário fica só curtindo: “Quatro assaltos no mesmo dia, na mesma hora e no mesmo Banco em Botafogo.” “Ladrões à solta. Polícia tonta. População confusa.” Mas ladrão tem em todo lugar, né gente? Lá na Bahia mesmo, durante o enterro do saudoso candidato do PDS, os ladrões aproveitaram o enxame do cortejo e fizeram a limpa. Uma senhora na fila do banco me disse: “Meu senhor, nem passe pela porta do Palácio ††††, tá assim de ladrão...”. Mas nós não estamos aqui para falar de ladrões, e sim dos candidatos, das eleições, dos tipos de voto, etc. E depois deste nosso Boa Noite eu lhes pergunto: como seria o Boa Noite de um candidato do PDS?

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Além das situações apresentadas, em TJ82, registra-se uma lacuna entre as folhas 15-20, recuperada devido ao contato estabelecido com o autor, que disponibilizou para esta pesquisa uma cópia deste testemunho completo. Este testemunho também apresenta suporte heterogêneo, em que as folhas 14 a 17 correspondem a cópias de TJn82.

Como proposta geral do projeto de pesquisa *Edição e estudo de textos teatrais produzidos na Bahia no período da ditadura*, buscou-se, na edição de *Me segura que eu vou dar um voto*, a recuperação dos trechos suprimidos, essenciais para a compreensão da história política da Bahia. Assim, pelo que se expõe na correspondência eletrônica anexada abaixo, Bemvindo Sequeira, autor e ator do monólogo, expressou seu desejo de ver publicado o testemunho de junho-julho de 1982, encenado na Bahia:



**Figura 1:** Fac-símile de e-mail enviado por Bemvindo Sequeira no dia 22 de setembro de 2008.

Nesta mensagem, o autor indica ao filólogo o tratamento que deseja para o seu texto. Embora tenha sido produzido posteriormente, o testemunho de julho de 1982 não representa a intenção final do autor, pois, para ele, trata-se apenas de uma adaptação para outro



## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

contexto. Por isso, em um texto que apresenta mais de um original, como os textos teatrais de tradição politemunhal, o filólogo deve deixar de se preocupar com uma base textual única, a ser reconstituída no trabalho de edição, uma vez que a vontade do autor pode apresentar-se de diferentes maneiras.

### ***4. Critérios de edição e estabelecimento do texto***

Para a edição crítica aqui proposta, seguiram-se os critérios de edição estabelecidos por Santos (2008), além de novos critérios, próprios para estas situações específicas, a saber:

#### **4.1. Ortografia**

1. Atualizar a ortografia, exceto para as grafias de palavras que correspondam ao uso da língua em sua modalidade oral que, neste contexto, serão mantidas conforme aparecem no texto de base;
2. Acentuar, conforme as normas vigentes, salvo quando se tratar de registros da oralidade, marcando o acento diferencial;

#### **4.2. Gralhas e erros**

3. Proceder à correção do que for comprovadamente erro, deslizê ou contrassenso, conservando as marcas da oralidade no texto, exceto em casos de oscilação da grafia, quando adotarmos a lição que predomina;

#### **4.3. Opções tipográficas**

4. Expor o título da peça em negrito e em caixa alta;
5. Respeitar o seccionamento do texto em réplicas;
6. Apresentar as informações da rubrica entre parênteses e em itálico;
7. Retirar as barras inclinadas destinadas à estética do texto datiloscrito;
8. Padronizar a forma de apresentação dos trechos em verso, expondo um verso abaixo do outro, centralizado;

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

### **4.4. Abreviaturas**

9. Desenvolver as formas abreviadas no texto em itálico, uniformizando-as, exceto nos casos de abreviaturas de pronomes de tratamento e títulos, como Il.<sup>mo</sup>; Dr.; Sr. etc.;
10. Padronizar a forma de apresentação das abreviaturas de pronomes de tratamento e títulos;

### **4.5. Separação vocabular**

11. Juntar as sílabas das palavras separadas por limite de espaço na linha;

### **4.6. Estrangeirismos**

12. Manter os estrangeirismos da mesma forma que se registram nos textos, grafando-os em itálico. Corrigir somente erros e indicá-los no aparato;

### **4.7. Letras maiúsculas**

13. Manter as expressões que se encontram em caixa alta do mesmo modo que se apresentam no texto de base;
14. Usar devidamente as letras maiúsculas em nomes de pessoas, lugares, e após a pontuação, conforme regra em gramáticas normativas da língua portuguesa;
15. Uniformizar a utilização de letras maiúsculas para títulos (ex.: Ex.<sup>mo</sup> Sr. Proprietário de Terras); utilizando a lição que predomina entre as formas oscilantes no texto de base;

### **4.8. Pontuação**

16. Manter a pontuação original, exceto nos casos de erro, para os quais se fará a correção;
17. Trazer a pontuação junto à palavra antecedente, em casos de separação entre a palavra e a pontuação;

### **4.9. Numeração (linhas)**

18. Numerar as linhas de cinco em cinco, reiniciando o procedimento a cada folha;

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

### **4.10. Variantes**

19. Registrar as variantes, em itálico, no aparato, localizado à direita do texto; exceto em casos de réplicas que não constam no texto de base, que serão apresentadas em notas de rodapé;

### **4.11. Cortes**

20. Registrar os cortes entre parênteses angulares < > em notas à margem inferior, grafando a primeira e última palavra referente ao trecho censurado;

### **4.12. Notas e intervenções do editor**

21. Registrar as intervenções do editor entre colchetes, sinalizando-as devidamente no aparato, à direita do texto.

22. Apresentar notas explicativas à margem inferior, em nota de rodapé.

### **4.13. Emendas**

23. Usar operadores da Crítica Genética para a descrição simplificada das emendas realizadas no texto:

[ ]	Acréscimo	<↑>	riscado, ilegível
[↑]	acréscimo na entrelinha superior	/*/	leitura conjecturada
<>^	substituição por sobreposição		

Apresenta-se a seguir um trecho do texto crítico de *Me segura que eu vou dar um voto*, de Bemvindo Sequeira (1982):

5	— Mas se o candidato for da Oposição temos um outro discurso de Boa Noite. No PMDB, por exemplo, são dois discursos: o dos que têm tendências moderadas, e o dos que têm tendências radicais. Vejamos os radicais:	<b>TJ182</b> <i>Mas, (c.v.)</i>
5	— Vocês meu amigos de fé, meus irmãos, camaradas! Amigos de tantas jornadas! Companheiros: todos sabemos que este espetáculo eleitoral não passa de uma farsa consentida pela ditadura militar. Por isto, não vim até aqui para dar um boa noite permitido. Vim, para arrancar das garras dos fascistas, o “Boa Noite” para o povo brasileiro. Mas, como os companheiros encarregados de arranjar o som para este co-	<b>TJn82</b> “ <i>Vocês (c.asp.)</i> <b>TJ182</b> “ <i>Você meu amigo de fé, meu irmão, camarada!</i> <i>Todos nós sabemos que este espetáculo eleitoral não passa de uma farsa, consentida pela ditadura militar ( tem que ter a palavra ditadura, senão os radicais pensam que caímos numa democra-</i>

10	mício não conseguiram dinheiro para alugar os alto-falantes, vamos repetir comigo: Boa Noite!	<i>cia). Por isto, companheiros, não vim aqui para lhes dar um boa noite consentido. Vim, para arrancar das garras dos fascistas o Boa Noite para o povo brasileiro. Mas, como os companheiros encarregados de arranjar o som para este comício, não conseguiram a grana para alugar a aparelhagem, vamos repetir comigo, no gogó: Boa Noite!</i>
	— Este [é] o Boa Noite dos Moderados.	<b>TJn82</b> <i>Esteo</i> (s.esp.) <b>TJl82</b> não existe esta réplica.
	— E o Boa Noite do PT?	<b>TJl82</b> <i>Bona Noete</i>
15	— Boa Noite porquê? Por acaso estamos recebendo os adicionais noturnos a que temos direito? E as horas extras? Desde as 5[h] que estou aqui pra esse Boa Noite, sem jantar, sem tomar banho, neste calor insalubre, e os culpados disto, companheiros, são os burgueses, os patrões, que chupam o paupérrimo assalariado brasileiro.	<b>TJn82</b> “ <i>Boa</i> (c.asp. e s. híf.); <i>bahho; saõ.</i> ”
20	Boa Noite... Boa Noite os esca[m]baus! Hoje não tem Boa Noite, o nosso Boa Noite é estratégico, fica para o futuro!	<b>TJl82</b> “ <i>Boa</i> (c.asp. e híf.); <i>por que?; Noite.</i> (c.p.); <i>Sem</i> (cx. alta); <i>suado, cansado;</i> <i>insalubre...</i> (c.ret.); <i>os culpados disto;</i> <i>são os patrões, que passam a vida toda chupando; escambaus!; Noite.</i> O (c.p. e cx. alta).
25		

## 5. Considerações finais

Há diversas possibilidades de tratamento filológico de um texto. Nesse sentido, a realização da edição crítica de *Me segura que eu vou dar um voto* constitui-se apenas uma das formas de estabelecimento do texto. Diante de um texto politemunhal, o filólogo pode, ainda, optar pelo desenvolvimento de edições críticas em perspectivas genéticas, ou sinópticas, editando os testemunhos separadamente, reproduzindo-os diplomaticamente.

O trabalho filológico, não se esgotando no estabelecimento do texto, ao disponibilizar um texto fidedigno, representativo do ânimo autoral, possibilita que se estude, a partir de fonte segura, a história sócio-política, a língua, a literatura e a cultura que se desenvolveu na Bahia no período da ditadura militar. Neste ponto se justifica a relevância do trabalho aqui proposto, por recuperar parte do patrimônio

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

cultural escrito da Bahia, fazendo emergir as vozes dos artistas oprimidos pela Censura Federal.

### REFERÊNCIAS

PÉREZ PRIEGO, Miguel Á. *La edición de textos*. Madrid: Editorial Síntesis, 1997.

PICCHIO, Luciana Stegagno. O método filológico (Comportamentos críticos e atitude filológica na interpretação de textos literários). In: \_\_\_\_\_. *A lição do texto*. Filologia e Literatura. I –Idade Média. Trad. de Alberto Pimenta. Lisboa: 70, 1979, p. 211-235.

SANTOS, Rosa Borges dos. Textos teatrais censurados: tipos de edição e leituras filológicas. In: *ENCONTRO INTERNACIONAL DE FILOLOGIA*, 3., 2008. *Mesa-redonda...* Niterói, UFF, 2008.

SEQUEIRA, Bemvindo. *Me segura que eu vou dar um voto*, Salvador. 1982. 25f. Acervo do Espaço Xisto Bahia. Pasta nº 111S.

SEQUEIRA, Bemvindo. *Me segura que eu vou dar um voto*, Salvador. 1982. 27 f. Acervo do Espaço Xisto Bahia. Pasta nº 111S.

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena. *Dicionário de termos linguísticos*. v. 1, filologia, fonética, fonologia, linguística histórica, pragmática, prosódia, sociolinguística. Lisboa: Cosmos, 1990, p. 135-7.

SANTOS, Rosa Borges dos. A filologia textual e a linguística. *Revista Cadernos do CNLF*, v. 10, n. 9. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2006. p. 37-50.